



N. 1.

QUINTA FEIRA 28 DE JULHO DE 1831.

Preço 60. cts.

L. A. Brito

O CATHARINENSE

Subscrição-se para esta folha em casa do Redactor na rua do Livramento, e a lojas de José Caetano Pereira na rua Augusta, e a concilho da Santa Luce na rua do Principe, e nas lojas de José Maria da Luz na rua Augusta, e Joaquim Machado de Souza no Largo da Praca; o preço da assinatura he 2000 rs. por trimestre.

— Si o crítico mordaz censura a imprensa,
Quem não escreve, então, que faz? que pensa?

UNIÃO E LIBERDADE, INDEPENDENCIA OU MORTE

SANTA CATARINA, NA TYPOGRAFIA DO CATHARINENSE, RUA DO LIVRAMENTO.

CATHARINENSE

Agora que me acho na terra onde primeiro vi a luz, ilo dia, o alento de meus
amigos Patricios, cheio de prazer e alegria a elles me dirijo. Santa Catharina
Catharinenses, o amor de minha patria, o amor á minha Provincia, he quem
hoje dirige minha penna; em meus escriptos não terao de apureser pum
outra rugos de sublimidade, com todo meu estilo, toda que tudo, exprime
somente a linguagem pura da verdade; despidido da lisonja e da viz adulterio,
eu não tributarei homenagens, sinão á lei, á razão e á justiça.

Nascido entre vós, posto que educado ao longe, sempre conservei no fudo
do coração hum sentimento occulto, que me chainava para vós; e embora
eu não tivesse nunca alguma de noca terra, a de imaginação constante
mente me pintava como a mais bella de toda o Brazil; muitas vezes in
tentei vir visitar os lares patrios, porém minhas circumstancias o impos
sibilitavao, até que finalmente offerecendo-se agora occasião favoravel, vo
luntariamente me apressei a voar para a terra, que me vio nascer; esta
mulla deliberação não foi movida pelo sordido interesse, e sim pelo amor
patrio, pois deixei a Corte onde fui educado, onde vivi por mais de vin
te annos, e onde finalmente deixei grande numero de amigos, para vir
com minha passagem para nossa Provincia.

„O OLHO”
Semanario Illustrado
 Redacção--Administração--Officinas--RUA TENENTE SILVEIRA N. 2
Edmundo Silveira e Dario Gouvêa
 DIRECTORES

ASSIGNATURAS

CAPITAL	{Anno	15\$000	INTERIOR	{Anno.	18\$000
	{Semestre	8\$000	ATRAZADO	{Semestre.	10\$000
NUMERO AVULSO.	400 Rs.		500 Rs.		

ANNUNCIOS

pagina a 3 cores	30\$000	1/2 pagina a 3 cores	18\$000
" " 2 " e cliché	25\$000	" " 2 " " e cliché	15\$000
" " 1 " " e cliché	20\$000	" " 1 " " e cliché	12\$000
simples com vinhetas	15\$000	simples com vinhetas	8\$000

Os annuncios gosarão dos seguintes abatimentos: 2 mezes 5 %., 6 mezes 15 %., e permanente 25 %.

São considerados nossos assignantes todas as pessoas que não devolveram o primeiro numero. A cobrança de assignaturas será iniciada após a distribuição do presente numero.

Só publicaremos annuncios em papel assetinado si, os srs. annunciantes se sujeitarem ao pagamento da differença do preço do papel.



SEMANARIO ILLUSTRADO

ANNO I

FLORIANOPOLIS, 28 de Julho de 1916

NUM. 17

1831-1916

Todas as datas encerram uma lição.

Assim que, em face 85º aniversário da publicação do primeiro jornal catarinense, a ideia que nos ocorre é a de tirarmos desta data o que ela em ensinamentos encerrar.

Vemos, antes de mais nada, as dificuldades com que teve de pelear Jerónimo Coelho, afim de estatuir o jornalismo num meio atrasadíssimo como deveria ser o Destêro em 1831. A sua força de vontade, tantas vezes referida pelos que comemoraram o acontecimento que hoje relembraos e festejamos, era das que se impõem ao respeito e á veneração dos pósteros. Louvêmo-la, pois, e façamos dela um módêlo para as nossas pobres almas entibiadas ante as incertezas derivadas da actual situação de nossa Pátria. Invoquêmo-la nesta hora de desânimo em que até o entusiasmo da mocidade, em todos os tempos tão vibrante e caloroso, se avinagia e amortece. E' a hora do Cálice da amargura, em que ninguem tem o direito de pedir que êle seja afastado, mesmo quando fôsse possível...

Pois o de que necessitamos é

de um glorioso impulso de rejuvenescimento e de fé. Instilemos nos nossos corações, gota a gota, tudo o que sublima e exalta as nossas personalidades: é preciso *crer*, é preciso *querer*, é preciso *agir*.

Urge que ponhamos de lado as utopias de reformas morais em globo. A regeneração da colectividade é a consequência lógica, imediata, da regeneração do individuo. Isso só se adquire pela dolorosa, mas heróica e nobilitante introspecção de cada um de nós, no desejo de apurar e realentar as funções da nossa vontade tanto quanto possível.

Aprendeado a conhecer-nos, aprenderemós a amar-nos; amando-nos, honraremos a nós mesmos e aos que nos cercam. Mas para isso é preciso *agir*; para *agir*, *querer*; para *querer*, *crer*. Em resumo: é preciso ter fé; a fé é o vento que enfuna as velas a todos os projectos.

Si, ao achar seu plano realizado, a alma forte de Jerónimo Coelho se rejubilou, tomemos ainda êsse júbilo para imitação. E' uma alegria sã e fecunda.

Sã, porque promanava de um factô sã; fecunda, porque, consolando-o do esforço despendido, incitava-o a exercitar de novo as energias na efeituação de pla-

nos igualmente nobres e brilhantes.

Considerada desta fórma, a obra de Jerónimo Coelho é um belo ensinamento. Nem através de outro prisma poderíamos olhá-la.

Acostumados ao fragôr e ás asperezas das lutas da imprensa, sentimo-nos, todavia, convictos de que, fazendo modestamente a nossa revista, procuramos corresponder sem desvio ao programa que nos traçámos; e, quando, dentro destes limites, o favor do público nos vem cercar, novo alento cobramos, sentindo também que, cada dia com mais seiva, cresce o nosso desejo--- que é o de ocupar, siaão com brilho, ao menos dignamente, o logar que nos toca no seio da Imprensa Catarinense, cuja data de fundação hoje se festeja.

Reproduzindo na capa do número de hoje o *fac-simile* do 1º número d' *O Catarinense*, quizeimos dar aos nos leitores não só um trabalho de bom gôsto, como um trabalho que algo encerra de valioso, pelo seu caracter histórico.

O espinhoso desta tentativa acha-se bem pago pela alegria que temos de a haver levado a cabo com êxito.



BRIGADEIRO

Jeronymo Goelho

Fundador da Imprensa Catharinense

O OFFÍCIO

O nosso 1º Jornal

Si ha uma data que deva e mereça ser carinhosa e condignamente memorada e festejada entre nós é, indiscutivelmente, a que assignala a introdução da imprensa, extraordinário e portentoso factor de progresso.

Santa Catharina, felizmente, não foi dos ultimos Estados da communhão brasileira a gosar dessa fonte civilisadora.

Ao grande espirito do maior dos seus illustres filhos, o Brigadeiro Jeronymo Francisco Coelho, deve a nossa capital a entrada e posse do primeiro prelo e a circulação do primeiro periodico--O CATHARINENSE--a 28 de Julho de 1831.

Moço, cheio de fé e entusiasmo, tendo a alma a estuar de são patriotismo, o brilhante official d'artilharia lembrou-se que o seu berço estremecido, do qual havia muito curti a separação e a saudade, vivia abafado nas dobras do denso véo do obscurantismo em que o envolvera a metropole e do qual o primeiro imperio não o soubera libertar.

Auxiliado por outro digno catharinense, Miguel Antonio da Silva, adquiriu um modesto prelo de madeira e o material indispensavel á publicação de pequeno semanario.

Aqui aportou um dia brandindo o facho libertador, cuja scentelha benéfica brotava-lhe do cerebro privilegiado.

Não havia na terra nem typographos, nem impressores. Não seriam tão modestos impegos que haviam de deter a sua marcha gloriosa para libertar a sua gente da venda fatal. Escreveu, compôz. imprimiu e lançou aos

quatro ventos a carta da nossa alforria intellectual.

Abria-se para o torrão catharinense uma nova era. Era uma luz que se accendia nas trevas: fanal poderoso cuja projecção seria o guia seguro no mar tormentoso da nossa evolução politica e social.

Alexandre Margarida

Alexandre Francisco de Oliveira Margarida nasceu a 31 de Outubro de 1839, nesta Capital.

Em 1870 aqui fundou a primeira typographia que teve Santa Catharina,

Em 1882 iniciou a publicação do *Artista*, hebdomadario e de idéas republicas.

Em 1883, foi um dos fundadores do "Lyceu de Artes e Officios" que prosperandó sempre, dispõe hoje de bastantes captaes e mantém diversas aulas nocturnas, onde os que têm as horas do dia tomadas pelo trabalho de que ganham o pão, vão aprender a ler, es rever e outras disciplinas.

Em 1886 tomou a gerencia da *Regeneração*, organ do partido liberal.

Em 1889, substituiu á *Regeneração*, o *Democrata*, sob a sua direcção.

Em 1894 foi nomeado Secretario da Directoria Geral da Instrucção Publica, cargo que deixou em 1896.

Em 1895 foi nomeado professor de typographia, lytographia e encadernação da Escola de Artes e Officios.

Em 1898 foi nomeado professor de desenho da Escola Normal.

Em 1902 foi nomeado 2º Official da Directoria da Instrucção Publica.

Em 1909 foi nomeado 1º Official da Directoria do Interior, continuando, porem, a prestar seus serviços na Directoria da Instrucção.

Conta hoje 77 annos esse distincto catharinense, que tem passado toda a sua vida no trabalho honrado, e que hoje, voduinario e cançado, está pobre.

Germano Avelim

Germano Antonio Maria, talvez o mais antigo typographo catharinense, nasceu na freguezia da Lagôa, municipio desta capital, em principio do seculo passado.

Ao fundar-se o primeiro estabelecimento typographico nesta cidade, dedicou-se elle com afincó á arte de Gutemberg.

Trabalhou por longos annos na "Typographia Provincial", estabelecimento mantido pelo governo, e na "Typographia Catharinense" do francez Emilio Grain.

Passou, depois, a edictar varios periodicos, começando pela revista religiosa "A Revelação" dirigida pelo P. Paiva, em Agosto de 1852. Deu publicidade, em seguida, ao "Correio Catharinense" e a "O Mensageiro".

Em Junho de 1855 passou a assignar-se Germano Antonio Maria Avelim.

Montou em seguida uma pe-

O OLHÃO

quena officina typographica no Largo do Quartel (hoje praça General Osório) n.º 41, onde se imprimiram "O Cruzeiro do Sul", "O Cruzeiro", "O Correio Official", "O Catharinense", "Quinzena", "O Pacajá", "Quinzena", etc.

Era Alferes do 1.º Corpo de cavallaria da Guarda Nacional. Em 1879 ou 1880 foi nomeado Administrador do Hospital de Caldas do Cubatão com o ordenado mensal de 20\$000.

Velho e enfermo recolheu-se ao hospital de Caridade, de onde sahiu, para morrer em idade provector, ha talvez, 15 ou 16 annos.

L. A. B.

Mestre Lopes

José Joaquim Lopes foi uma figura originalissima de severo Mestre escola e, depois, jornalista dogmatico, em o nosso estrecto meio, ha cincoenta annos passados.

Uma centena de seus antigos discipulos ainda vive, recordando o seu tempo de meninice sopçada pela regidez e implacabilidade da férula terrivel do Mestre Lopes, e confrontando-o com o que hoje flue numa desenvoltura que mais parece licença, num cinismo arrebicado que, com mais propriedade, chamaríamos despejo.

Que differença vae, ao mediador de cincoenta annos, entre a Desterro d'outra ora embiocada em ampla e escura capa de camelão, resendendo a incenso, camphora e alfazema, e a Florianopolis de hoje, das *jupes culottes*, dos *entravés*, dos tornozelos e palmos de pernas, nem

sempre roliços e bem feitos, á mostra, toda catita, toda derretida, com as rugas precoces nivelladas pela argamassa de *cold-cream*, alvaiade e carmim, tresandando um misto nauseante dos mais disparatados perfumes impingidos pela chusma deslavada dos *bons e baratos*!

Mas... voltemo a Mestre Lopes.

Filho de Jeronymo José Lopes, nasceu na Bahia a 24 de Outubro de 1803.

Ainda muito moço assentou praça no celebre Batalhão dos Periquitos em cujas fileiras fez com galhardia toda a campanha da nossa independencia. Com a guerra dos Farrapos o Batalhão em que servia, veio destacado para o sul. Antes de findar a guerra teve baixa e domiciliando-se nesta capital contrahio matrimonio com d. Maria Constanca Lopes.

A 1 de Marco de 1839 abriu uma aula de primeiras letras.

Habituaado a cega disciplina do Conde de Lipe, que era adoptada em o nosso Exercito, trazia a rapaziada brejeira dos tempos idos, frequentadora de sua escola, soba constante ameaça de uma palmatoria monstruosa e rija. Ai d'aquelle que não trouxesse as unhas limpas, que não soletrasse cantando as letras do A. B. C!... As posturas da Camara Municipal do Desterro, approvadas pela lei n.º 42 de 1 de Junho de 1836, diziam no Art. 2.º: «Os Professores das Escolas poderão castigar á seus discipulos sómente até 6 bollos sendo por falta de estudo, e até 12 quando seja por falta de respeito: ficando para isto de nenhum effeito a parte da postura arti-

go 69 que prohibia o uso de palmatorias nas escolas».

Mestre Lopes, apesar de tudo, ampliava sempre os milagres da Santa Luzia...

Contam que os proprios filhos do presidente da Provincia, dr. João José Coutinho, não escaparam á cega férula do severo Mestre.

Tempos depois, resolveu elle montar uma officina typographica. Sendo posta em hasta publica a Typographia Provincial, Mestre Lopes adquiriu-a por 505\$000 e hypothecou-a a José da Silva Paranhos.

A rua da Trindade, hoje Areypreste Paiva, n.º 1 era á sua tenda de trabalho constante e honrado. Trabalhando elle proprio na composição, auxiliado por seus filhos e, nos ultimos tempos, por seus netos e netas, deu publicidade a innumerous periodicos, começando pelo «Conservador», em Junho de 1855. A 1 de Janeiro do anno seguinte lançou o «Argos da Provincia de Santa Catharina», que gosou de larga fama e longa existencia. Esse jornal começou em Julho de 1861 á apparecer diariamente, com excepção dos domingos.

Em 1857, assumindo Mestre Lopes a responsabilidade de certos artigos contra o dr. Julio de Mello Alvim, foi por este processado por crimes de injurias e condemnado a 4 mezes de prisão. Não chegou, porém, a cumprir a penna, por ter sido perdoado pelo offendido. Das suas officinas sahiram os seguintes periodicos: «O Santelmo» e o «Bota-fogo» em 1858; o «Progressista» e o «Chaveco» em 1860; «O Mercador» em 1861; «O Despertador» em

Continua na 6a pagina